



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Letras


Jefferson de Moraes Lima

***O Evangelho Segundo Jesus Cristo***  
**e a ideia de culpa como herança**

Rio de Janeiro  
2023

Jefferson de Moraes Lima

***O Evangelho Segundo Jesus Cristo e a ideia de culpa como herança***



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Lemos de Lima

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S243 Lima, Jefferson de Moraes.  
O evangelho segundo Jesus Cristo e a ideia de culpa como herança / Jefferson de Moraes Lima. – 2023.  
148 f.: il.

Orientadora: Fernanda Lemos de Lima.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Saramago, José, 1922-2010 - Crítica e interpretação - Teses.  
2. Saramago, José, 1922-2010. Evangelho segundo Jesus Cristo – Teses. 3. Religião e literatura – Teses. 4. Culpa – Teses. I. Lima, Fernanda Lemos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Jefferson de Moraes Lima

***O Evangelho Segundo Jesus Cristo e a ideia de culpa como herança***

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 27 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Lemos de Lima (Orientadora)  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof. Dr. Nabil Araújo de Souza  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Maria Gandelman de Freitas  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Dulcileide Virginio do Nascimento Braga  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alessandra Serra Viegas  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

## DEDICATÓRIA

Aos inocentes de Belém e do mundo inteiro.

## AGRADECIMENTOS

Muito agradeço ao Deus Supremo, o Grande Arquiteto do Universo, Olódùmarè, e aos Orixás, em especial à Ìyá mi Orí, Yemojá, a Olóòkun, Òrúnmilà-Ifá (Iboru, Iboya, Ibosheshe), Èṣù-Èlégbára, Ògún e Òṣòṣì. Meu muito obrigado também a todos os meus ancestrais, em particular a meus avós, Maria da Conceição, Geraldo e Maria Tereza, a meu pai, Sebastião Lima, e a outros tantos entes queridos que, por já terem cumprido suas missões neste plano, passaram a iluminar meu céu sem deixar de fazer parte do meu chão. Agradeço igualmente a toda a minha amada família, em especial à minha esposa, Gabriella Lima, à minha mãe, Dolores Lima, e à minha irmã, Janaina Lima, bem como a todos os verdadeiros amigos que torceram para que eu alcançasse mais esta conquista. Não posso também deixar de agradecer aos Irmãos da Augusta e Respeitável Loja Maçônica Acácia da Tijuca nº. 4442, do Grande Oriente do Brasil no Rio de Janeiro, não somente pela torcida como também pela compreensão com relação às minhas ausências devido à intensa jornada de estudos.

Deus! ó Deus! onde estás que não  
respondes?

Em que mundo, em qu'estrella tu  
t'escondes

Embuçado nos céus?

Ha dous mil annos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o  
infinito...

Onde estás, Senhor Deus?...

*Castro Alves*

## RESUMO

LIMA, Jefferson de Moraes. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo e a ideia de culpa como herança*. 2023. 148 f. Tese (Doutorado em Letras) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este estudo discute as ideias de cânone, tradição, história e discurso. Analisa as ideias de leitor, autor e acordo ficcional à luz do pensamento de Umberto Eco. Reflete sobre a possibilidade de as religiões, por intermédio dos seus respectivos discursos, sobretudo quando validados por textos ficcionais, serem utilizadas como fontes de argumento para a violência humana, a exemplo do processo de escravização dos povos africanos no Brasil. Ao analisar *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, buscando traçar os perfis das suas principais personagens, observa nele a presença dos textos considerados como canônicos pela maior parte dos cristãos e reflete sobre a literatura como espaço de releitura e reescrita do discurso cristão tradicional. Após refletir sobre o humano e o trágico, analisa a ideia da culpa, tema central no romance de Saramago, associando-a à ideia de pecado, apresentada pela religião cristã. Nesse sentido, compara o pecado original do homem no discurso literário da tradição cristã e a "culpa original de Deus" no discurso literário de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Por fim, a partir do significado da palavra evangelho, avalia quais seriam provavelmente as boas-novas que o evangelista saramaguiano se propõe a apresentar.

Palavras-chave: José Saramago; O evangelho segundo Jesus Cristo; literatura; culpa; religião.



## ABSTRACT

LIMA, Jefferson de Morais. *The gospel according to Jesus Christ and the idea of guilt as an inheritance*. 2023. 148 f. Tese (Doutorado em Letras) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This study discusses the ideas of canon, tradition, history and discourse. It analyses the ideas of reader and author and the fictional agreement approached by Umberto Eco. It reflects on the possibility of religions, through their respective discourses, especially when they are validated by fictional texts, being used as argument sources for human violence, such as the process of African people enslavement in Brazil. By analysing *The Gospel According to Jesus Christ*, aims to draw the main character's profiles, observe the presence of texts considered canonical by most Christians and reflect on literature as a space for rereading and rewriting the traditional Christian discourse. After reflecting on ideas of human and tragic, it also analyses the idea of guilt, a central theme in Saramago's novel, associating it with the idea of sin, presented by the Christian religion. In this sense, it compares the original's men sin in the literary discourse of the Christian tradition and the "original guilt of God" in the literary discourse of *The Gospel According to Jesus Christ*. Finally, from the meaning of the word gospel, it evaluates what would probably be the good news that the Saramaguian evangelist proposes to present.

Keywords: José Saramago; *The gospel according to Jesus Christ*; literature; guilt; religion.

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	9
1	<b>O NARRADOR DE SARAMAGO, UM LEITOR HIPERCRÍTICO DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ</b> .....	25
1.1	<b>Cânone e tradição, história e discurso</b> .....	25
1.2	<b>O papel do leitor e o acordo ficcional</b> .....	33
1.3	<b><i>O Evangelho</i> de Saramago como espaço de releitura e reescrita do discurso tradicional</b> .....	44
1.4	<b><i>O Evangelho</i> de Saramago e o seu leitor-modelo</b> .....	53
1.5	<b>O poder da obra de ficção: quando ela pode-se tornar perigosa?</b> .....	57
2	<b>O HUMANO E O TRÁGICO NO <i>EVANGELHO</i> DE SARAMAGO</b> .....	62
2.1	<b>Jesus Cristo: personagem, narrador e evangelista</b> .....	63
2.1.1	<b><u>A distinção entre narrador, autor empírico e autor-modelo</u></b> .....	71
2.2	<b>O herdeiro de José</b> .....	72
2.2.1	<b><u>As sandálias de José e as sandálias de Cristo</u></b> .....	82
2.2.2	<b><u>O pesadelo do ser homem</u></b> .....	84
2.3	<b>Jesus, um herói trágico? Sobre o humano e o seu destino</b> .....	87
2.4	<b>O primogênito de Maria, “essa menina, essa mulher, essa senhora”</b> .	91
2.5	<b>Maria de Magdala, companheira de Cristo</b> .....	97
3	<b>UM EVANGELHO DA CULPA?</b> .....	104
3.1	<b>Entre Deus e o Diabo: a discussão da dicotomia do bem e do mal</b> ...	104
3.2	<b>A ideia da culpa como herança</b> .....	108
3.3	<b>As lições de um Diabo que se arrepende e a metáfora da tigela luminosa</b> .....	127
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU SOBRE QUAL SERIA A BOA NOVA</b> .	135
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	140
	<b>ANEXO – Crucifixion</b> .....	148

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Imagine there's no heaven / It's easy if you try /  
No hell below us / Above us only sky / Imagine  
all the people / Living for today.

*John Lennon*

Já faz alguns anos que me deparei com um texto publicado na *BBC News Brasil* cujo título de imediato levantava uma pergunta que, apesar de bastante polêmica, pode gerar debates tão interessantes quanto necessários: “O mundo seria mais pacífico se não houvesse religião?”.

Para boa parte das pessoas, tal questionamento pode ser visto, no mínimo, como incoerente ou inconveniente. Se for utilizado como exemplo o cristianismo, que está mais próximo da cultura e da realidade ocidentais, talvez não seja plausível para muitas pessoas — sobretudo para as que compartilham dessa mesma visão religiosa — que a ausência de uma religião aparentemente pautada na paz<sup>1</sup> e no amor<sup>2</sup> poderia tornar o mundo mais pacífico. Esse estranhamento, sem embargo, somente será possível aos cristãos que, não querendo pecar por desonestidade, decidirem pecar por falta de conhecimento da sua própria história.

Já nos primeiros parágrafos, o autor da referida matéria explica que religião e guerra são "dois temas que muitas vezes se cruzam" (BBC iWonder, 2016). O texto relembra que a humanidade foi — e continua sendo — testemunha de incontáveis conflitos movidos em nome da fé e cita apenas alguns exemplos, como os ataques do grupo autodenominado Estado Islâmico, os 30 anos de conflito entre os unionistas protestantes e os republicanos católicos na Irlanda do Norte, a Guerra da Bósnia, entre sérvios (em sua maioria cristãos ortodoxos) e croatas (em sua maioria católicos), e, não menos importante e sanguinária, as famigeradas Cruzadas, cujos atos de fé regaram com sangue a chamada “Terra Santa” entre 1095 e 1291 da E.C..

Os exemplos citados evidenciam que, apesar de muitas vezes se confundir com questões de natureza política e socioeconômica, a questão religiosa nos

---

<sup>1</sup> "Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!" (Mateus 5:9).

<sup>2</sup> "Amarás teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:39; Levíticos 19:18).

conflitos permanece como central. Não obstante, o autor alerta que os especialistas ainda se dividem em relação a esse assunto: há os que veem a religião como a grande causadora das guerras, e os que entendem que ela é no máximo protagonista, mas não única responsável pela “instigação da violência e do conflito” (BBC iWonder, 2016).

Anos depois, outro artigo seria escrito, dessa feita no jornal espanhol *El País*, levantando uma hipótese talvez mais polêmica, porque direcionada: “Jesus veio nos libertar das religiões?”. Logo no início desse texto, o jornalista Juan Farias já assume estar diante de um aparente paradoxo e explica que

[...] existe um consenso entre os biblistas mais abertos de hoje em defender que o profeta judeu, Jesus de Nazaré, veio, mais do que criar uma nova religião das cinzas do velho judaísmo, para abolir todas as religiões consideradas por ele como amarras que impedem viver em plena liberdade de espírito nosso encontro com o mistério (FARIAS, 2019).

Não é de hoje que comecei a refletir sobre a possibilidade de as guerras não serem o único malefício que a religião — claro que com a melhor das intenções — poderia oferecer ao gênero humano. Ao olhar novamente para o cristianismo e para as “Sagradas Escrituras”, comecei a me questionar se porventura estaria ali, onde, por vezes — em tempos hoje ligeiramente distantes —, encontrei auxílio e conforto para as minhas dores pessoais, a raiz de boa parte das guerras e dos males da humanidade. E esse meu pensamento inicialmente foi reavivado pelo que certa vez o escritor português José de Sousa Saramago, em entrevista, disse sobre a Bíblia — que, pelo menos teoricamente, serve como base de fé e de prática para a maioria dos cristãos: “A Bíblia é um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana. Sem ela, um livro que teve muita influência em nossa cultura e até em nossa maneira de ser, os seres provavelmente seriam melhores” (VEJA, 2009, grifo meu).

Isso me faz retornar ao meu primeiro ano do doutorado, quando, perto de escrever uma monografia para a conclusão da disciplina intitulada *A criação artística como processo de ascensão ao divino e expressão do mundano e estranho nas literaturas e nas artes plásticas*, viajei à famosa Ouro Preto (MG) com a intenção observar e tentar entender a presença do humano e do divino na arte sacra de uma cidade repleta de templos católicos do século XVIII, construídos em estilos que variam entre o barroco, o neoclássico e o rococó.

Essa ideia não foi gratuita, mas surgiu quando levei para a aula uma pintura de Francisco de Goya, em que Saturno aparece devorando um dos seus filhos, juntamente com o fragmento de um poema de Charles Baudelaire que está presente em *Les fleurs du mal* e que lança luz sobre a relação entre o homem, o divino e o tempo:

### L'ennemi

[...]

Ô douleur! ô douleur! **Le Temps mange la vie,**  
Et l'obscur Ennemi qui nous range le coeur  
Du sang que nous perdons croît et se fortifie!

(BAUDELAIRE, 1861, grifo meu)



(GOYA, 1818-1823)

Ao levar a pintura de Goya, eu tive a intenção de desmistificar as ideias de humano e de divino, visto que Saturno, embora fosse uma divindade — portanto, hipoteticamente um ser superior, transcendente, elevado —, teria, de acordo com a mitologia clássica, devorado os seus filhos para se manter no poder, uma atitude que poderia ser considerada no mínimo animalesca, repulsiva e aparentemente nada divina. Isso abriria espaço para refletir sobre o divino que aniquila e destrói a vida, em vez de zelar pela sua manutenção, revelando-se nisso tão baixo quanto, ou até mesmo pior que o homem, que nessa relação, em tese, seria um ser inferior. O poema de Baudelaire no trecho transcrito parece fazer alusão a essa passagem da mitologia, e um diálogo entre aquela pintura e esses versos no meu entendimento abriria espaço para reflexões sobre a existência humana e a heroicidade trágica do homem, que luta incansavelmente contra o tempo — que é de todo eterno, como um deus, e que, metaforicamente, tal como Saturno fazia com os seus próprios filhos, desesperadamente devora toda e qualquer vida.

A partir de então, outras reflexões surgiram e, pensando no trabalho da disciplina, buscando estabelecer conexões com o meu então objeto de estudo — aquilo que na época, por influência de Giorgio Agamben, chamei de “literatura do contemporâneo” —, entendi que seria uma boa oportunidade observar como eram retratadas as imagens de Jesus Cristo, que de acordo com a fé católica é, paradoxalmente, deus e homem, humano e divino, uma pessoa que ao mesmo tempo em que é promessa de vida e felicidade eternas, é alguém que chora, sangra, padece, angustia-se e morre. Havia me chamado a atenção a figura daquele que, simbolicamente, para além de toda e qualquer perspectiva puramente religiosa, poderia ser uma espécie de conciliação entre o humano e o divino como ideias. Assim, em um primeiro momento, decidi que iria a Ouro Preto a fim de contemplar e analisar obras de arte sacra que, parafraseando Umberto Eco, celebrassem, pelo sofrimento, o lado humano do Cristo (cf. ECO, 2007, p. 49).

No decorrer da minha pesquisa *in loco*, andando pelas ruas históricas de Ouro Preto, entrando nos diversos templos católicos — e, até mesmo, em alguns dos vários cemitérios centenários — espalhados pela cidade, analisei e comparei estruturas, textos e imagens. Porém, algo mudou o rumo da minha viagem e, a partir de determinado momento, passei a enxergar uma dor que parecia escondida sob a dor do próprio Cristo. Este, naturalmente em evidência, teve a sua dor como tema central em todos os templos católicos que nessa oportunidade visitei. Porém, ao visitar a Basílica Menor de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, o maior e mais rico templo católico da cidade, deparei-me com uma escultura que, por razões profundamente pessoais, chamou mais a minha atenção do que o Cristo Crucificado.

Ante a cruz, estava o Arcanjo Miguel, aquele que é considerado o chefe dos anjos, o representante-mor das legiões celestiais e que, desse modo, faz-se símbolo do poder infinito do próprio Deus cristão. Ao me aproximar, vi sob os seus pés aquilo que, pela lógica, deveria ser uma figura demoníaca, mas que — com exceção de um queixo proeminente — em nada se parecia com um “monstro



Miguel e o "demônio", foto da autora.

dotado de cauda, orelhas animais, barbicha caprina, artelhos, patas e chifres, [...] asas de morcego”, que é como o Diabo, segundo Umberto Eco (2007, p. 92), passou a ser retratado a partir do século XI. O tal demônio muito mais se parecia com um homem negro. Foi então que, naquele instante, pela primeira vez na vida, eu, que outrora aprendi ter sido feito à imagem e à semelhança de Deus, senti-me mais parecido com o Diabo<sup>3</sup>.

À época, o diálogo entre a arte e a religião já me movia, porém sem que eu me desse conta de que ele se tornaria forte o suficiente para me fazer mudar o tema da tese de doutorado. Voltei da viagem com um trabalho praticamente pronto, ao qual dei o título de *Um olhar sobre o humano e o divino na arte sacra de Ouro Preto: a angústia do invisível ante a dor de um deus que morre*, mas com muito mais perguntas do que respostas, além de um certo incômodo que demorei anos para digerir — e que, talvez, veja-se um pouco diluído — ou quiçá tão somente compartilhado — agora, neste novo processo de escrita.

Para entender o porquê daquela imagem, uma vez mais recorri a Umberto Eco. “Desde a Antiguidade”, o semiótico e filósofo italiano esclarece, “o inimigo sempre foi antes de tudo o Outro, o estrangeiro. Seus traços não parecem corresponder aos nossos critérios de beleza e se tem hábitos alimentares diversos, o cheiro de seu alimento nos choca” (ECO, 2007, p. 185). Esse inimigo sempre existiu. Conviver com o outro, com o diferente, é um desafio permanente. “O inferno são os outros” (SARTRE, 1977. p. 98), como exclamaria a personagem Garcin, na célebre peça *Entre quatro paredes*, de Jean-Paul Sartre. Sobretudo em meio às relações de poder que se estabelecem e diante do desafio mesmo de conviver em sociedade, é habitual que “os outros” sejam demonizados. Se isso ocorre por medo

---

<sup>3</sup> Esse episódio também abre espaço para uma discussão muito evitada, ainda hoje, por boa parte dos religiosos mais acostumados a enxergar o filho de Deus representado como um típico homem europeu, branco, loiro, de cabelos cacheados e de olhos azuis: qual seria a real aparência de Jesus? Muitos estudos têm surgido a respeito desse assunto. Em entrevista concedida à BBC News, por exemplo, Joan E. Taylor, Professora do Department of Theology & Religious Studies do King’s College, afirma que provavelmente Jesus tinha cabelos castanho-escuros ou pretos, olhos castanhos e pele morena, sendo biologicamente semelhante aos judeus iraquianos dos dias atuais (cf. VEIGA, 2018). Os colonizadores, todavia, recriaram Jesus à sua imagem e à sua semelhança. Algo parecido aconteceu, por exemplo, com Yemojá, orixá feminino cujo culto principal surgiu na cidade de Abéòkúta, na Nigéria: a Deusa iorubá, no Brasil, é amplamente conhecida pela representação de uma mulher branca, de cabelos lisos, magra e vestida de branco ou azul claro, o que em absolutamente nada se parece com as suas representações originais. Ironicamente, quiçá Jesus histórico — embora não fosse de fato um homem negro de pele retinta — tenha sido fisicamente muito mais próximo do Diabo que vi aos pés de Miguel do que do homem branco crucificado que se costuma ver por toda parte.

de se perder no outro ou por ódio narcisista de quem não se vê no espelho, talvez saiba responder a Psicologia. Mas é fato que, pela demonização do que é diferente e desconhecido, criam-se distâncias cada vez maiores, a ponto de um indivíduo olhar dentro dos olhos do humano que existe em qualquer outro e não ser capaz de reconhecê-lo; nessas circunstâncias, para que o outro seja considerado humano, acha-se necessário conduzi-lo a um processo de “civilização” que, antes de tudo, rouba desse outro algo muito precioso: a sua identidade.

“Como sustentáculo para a missão civilizadora do homem branco”, explica Eco, “a representação do africano foi sempre impiedosa, não somente na narrativa e na pintura, mas também em textos de caráter científico [...]” (ECO, 2007, p. 197). Essa “missão civilizadora” foi, na verdade, um processo de negação e apagamento de alteridades. Para serem “salvos”, “libertos”, “redimidos” e alcançarem a “vida eterna”, os africanos deveriam abandonar a sua cultura, a sua língua, a sua religião, as suas ideias acerca de Deus, os seus costumes... deveriam, por fim, abandonar-se. Nesse processo, tais indivíduos de algum modo se perderam, e a nós, seus filhos, ainda hoje nos parece ser negado o direito à memória disso que chamo de identidade.

Abro aqui um parêntese, porque não se pode ignorar o papel da Igreja de Roma no processo de escravização ocorrido no Brasil. Sobre esse assunto, Ramos esclarece: “[a] Igreja pregava que a escravidão era necessária, pois para o funcionamento da sociedade ocorrer de forma natural, o criador havia feito os africanos para trabalharem como escravos, a fim de passarem suas vidas inteiras na servidão ao homem branco.” (RAMOS, 2021, p. 613-614, grifo meu).

A Igreja não só apoiou o escravagismo como também tinha ela os seus próprios negros escravizados. Ela, que se considera a única capaz de interpretar corretamente as “Sagradas Escrituras”<sup>4</sup>, achou por bem utilizar a Bíblia para justificar a manutenção do regime escravocrata. Ramos também nos ajuda a entender melhor o pensamento dos líderes católicos da época a respeito desse assunto:

Declaravam justa a escravidão, como algo necessário para a humanidade, dizendo assim, que **sua prática poderia ter um efeito de salvação**, e com esse argumento, abordava de forma aberta e clara tais visões. Os líderes pautados em versículos escolhidos por eles, sem mostrar o contexto e a

---

<sup>4</sup> “Com efeito, tudo quanto diz respeito à interpretação da Escritura está sujeito ao juízo último da Igreja, que tem o divino mandato e o ministério de guardar e interpretar a palavra de Deus.” (SÉ APOSTÓLICA, 1965).



história bíblica em si, lembrando ainda que o acesso à leitura e a Bíblia nesse período eram [sic] somente pelos religiosos da Igreja e os membros da Coroa, os mais humildes e pobres não tinham acesso a leitura [sic] e pouquíssimos sabiam ler e interpretar os textos com facilidade, e isso foi uma grande vantagem, pois assim, **a Igreja pode justificar-se na palavra sagrada (a Bíblia) suas ações, o apoio à escravidão e o uso dela também [...]**

Por serem donos de inúmeras propriedades, entre fazendas, casas e tantos outros imóveis, os representantes da Igreja precisavam de funcionários para manter o funcionamento, cultivar as lavouras e tantas outras funções que se faziam necessárias, e usavam os escravos para tais necessidades, só fomentando o escravagismo ainda mais, e sempre com **o ideal de que estavam lhes fazendo um bem sem tamanho**, pois em contrapartida lhes davam o direito de conhecer a palavra de Deus através da catequese e serem salvos, livrando suas pobres almas da perdição eterna (RAMOS, 2021, 614, grifo meu).

Em uma matéria publicada por Edison Veiga na *BBC News Brasil*, é possível ter uma noção do modo de vida dos que eram mantidos como escravos pela Igreja Católica. Conforme o conhecimento geral, eles eram obrigados a se converter ao catolicismo, “a professar a fé católica, participando de missas, momentos de orações e recebendo os sacramentos” (VEIGA, 2021), e os que se recusavam a fazer isso, na tentativa de manter a sua própria fé, os seus antigos costumes e, com isso, a sua própria identidade, eram castigados “de forma exemplar” (VEIGA, 2021). Ademais, eles tinham mais dificuldades de comprar uma carta de alforria do que os negros que não eram mantidos escravizados por mosteiros e conventos.

Veiga cita o pesquisador Vítor Hugo Monteiro Franco, autor do livro *Escravos da religião* (2021) — termo forte e bastante significativo que chegou a ser empregado em registros de batismo da época para se referir aos negros escravizados pelas diversas ordens católicas —, e o próprio pesquisador explica as relações de poder que se acham resumidas na expressão que dá título à sua obra:

Parece simples, mas não é. A situação geral da escravidão no Brasil é de escravos privados, de senhores leigos. No caso dos 'da religião', eles não pertenciam a um monge específico, eram de **propriedade coletiva**. E **isso teve repercussões na vida dessas pessoas para sempre**, porque influenciava na forma, no dia a dia deles [...]

Isso dava (aos religiosos) um poder muito grande. **Ser 'escravo da religião' significava ter sua vida controlada por uma instituição religiosa [...]** (FRANCO *apud* VEIGA, 2021, grifo meu).

Fechado o parêntese, e de volta à imagem, eu, o demônio negro que tantos séculos depois ainda querem que permaneça sob os pés da cristandade; eu, que ao contrário de Cristo e de todos os santos, não tenho o meu nome e não tenho as

minhas dores visíveis e exaltadas em altares luxuosos pelo mundo afora; eu, que às vezes nem posso ter altares, que não tenho identidade, que não tenho memória, que não tenho língua, religião, cultura, nada... eu me pergunto (e quiçá me perguntarei até o último dia desta existência): Como se chamavam as bisavós dos meus pais antes de chegarem aqui? De que canto da imensa África vieram? Que língua falavam? Que costumes mantinham? Que Deuses(as) cultuavam? Eu não sei. Só sei que ali, naquele altar em Ouro Preto, sob os pés de Miguel Arcanjo, somente estava eu porque eles também estavam, e todos os que viemos depois deles. Saí da Basílica do Pilar e, simbolicamente, levei-os todos comigo. Assim, naquelas ruas carregadas de história, beleza, dor e sofrimento, com o olhar mais atento e praticamente já andando com os pés descalços em outro tempo, fui capaz de imaginar e, em alguns momentos, praticamente sentir cada uma de suas dores, que doíam tanto ou mais que as dores de todos os cristos crucificados que vi pelo caminho, os quais por vezes choravam sangue, mas que não pareciam chorar essa dor que é só minha (mas, também, de todos os outros).

A experiência na Basílica Menor de Nossa Senhora do Pilar vai ao encontro do pensamento de Walter Benjamin, que na Tese VII sobre o conceito de história, deixa claro que existe uma relação íntima entre a cultura e a barbárie: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura” (BENJAMIN, 1985, p. 225). Basta que se observe o fato de que o belíssimo monumento cultural de Ouro Preto, que hoje recebe turistas das mais diferentes partes do mundo, foi erguido graças ao suor e ao sangue de negros escravizados<sup>5</sup>. Observe-se o que Michel Löwy esclarece no trecho a seguir, em que analisa especificamente a tese benjaminiana:

A dialética entre a cultura e a barbárie vale também para muitas obras de prestígio produzidas pela “corveia sem nome” dos oprimidos, desde as pirâmides do Egito, construídas pelos escravos hebreus, até o palácio da Ópera, erguido no império de Napoleão III pelos operários vencidos em

---

<sup>5</sup> Vale também ressaltar que essas mesmas pessoas eram excluídas dos prazeres que poderiam ser proporcionados por esse mesmo monumento cultural. A esse respeito, Michel Löwy esclarece o seguinte: “a alta cultura não poderia existir sob a forma histórica sem o trabalho anônimo dos produtores diretos — escravos, camponeses ou operários — eles próprios excluídos do prazer dos bens culturais. Esses últimos são, portanto, ‘documentos da barbárie’ uma vez que nasceram da injustiça de classe, da opressão, social e política, da desigualdade, e porque sua transmissão é feita por massacres e guerras” (LÖWY, 2005, p. 78-79). Por essa razão, a partir da tese VII de Benjamin, todo monumento da cultura colonial pode — e nesse caso deve — ser considerado “um produto da guerra, da exterminação, de uma opressão impiedosa.” (LÖWY, 2005, p. 80).

junho de 1848. Encontramos, nessa tese, a imagem invertida de um tema caro a Nietzsche: as grandes obras de arte e de civilização — exatamente do mesmo modo que as pirâmides — somente podem ser feitas à custa dos sofrimentos e da escravidão da multidão. [...] (LÖWY, 2005, p. 77).

Com o tempo, outras perguntas começaram a surgir. Ver a representação do que me pareceu ser um homem negro subjugado aos pés de um arcanjo me fez pensar sobre o que Cristo, que ali estava representado, teria a dizer se tivesse deixado algo escrito — o que, de acordo com a tradição cristã e com os registros históricos, não aconteceu. Poderia eu também me perguntar onde ele estava quando os meus antepassados foram arrancados das suas terras natais e jogados dentro de um navio negreiro para serem transportados para outra terra a um oceano de distância. Poderia também me perguntar sobre o porquê de ele, sendo poderoso como dizem ser, não ter feito nada para impedir que essa e tantas outras atrocidades pelo mundo afora permanecessem em um gerúndio, acontecendo. Porém, eu realmente passei um tempo refletindo sobre o que ele teria escrito se tivesse visto a necessidade ou tivesse tido a oportunidade de escrever alguma coisa, e tudo o que me restou foi a imaginação.

Confesso que fiquei frustrado porque, diante da única versão que eu conhecia de Cristo, eu imaginei que talvez ele argumentaria que as pessoas responsáveis pelas guerras, pela escravidão, pelos apagamentos, pela desigualdade social, pelos genocídios e por toda a sorte de desgraças que existem e resistem tinham sido dominadas por alguma força maligna, a qual teoricamente teria feito com que elas, quase que involuntariamente, dividissem, ferissem, roubassem, matassem, escravizassem. Até fui capaz de imaginá-lo descer da cruz, mas não para resgatar o homem negro sob os pés do Arcanjo, e sim para pedir que eu rezasse a Deus para que, por sua infinita misericórdia, eu fosse capaz de compreender o incompreensível e de perdoar o imperdoável. Eu, que talvez não tenha fé em Deus o suficiente para isso, ainda curioso para saber o que Cristo teria escrito se tivesse tido essa oportunidade, também tento entender o porquê de haver tanto mal no mundo se Deus é senhor de tudo, está acima de todos e está por toda a parte.

A definição do que é o mal, isso deixarei para a Filosofia. Contudo, como pesquisador da Teoria da Literatura, sendo a arte literária o que é — algo feito pelo ser humano para ser lido e relido por outros seres humanos —, a mim muito interessa o fato de que, conforme certa vez Antoine Compagnon afirmou, ela pode esclarecer muito sobre os comportamentos humanos e as suas motivações:

A literatura, exprimindo a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém **mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas**. Ela pensa, mas não como a ciência ou a filosofia. Seu pensamento é heurístico (ela jamais cessa de procurar), não algorítmico: ela procede tateando, sem cálculo, pela intuição, com faro (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Toda essa minha reflexão a respeito do homem, de Deus e da religião faz ecoar em minha mente as palavras já citadas de Saramago sobre a Bíblia — “um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana” (cf. VEJA, 2009) —, as quais me levaram à releitura de um livro do escritor português cujo título é minimamente curioso: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, publicado em novembro de 1991. Trata-se de uma obra que li pela primeira vez muitos anos atrás, ainda na graduação, com os olhos de quem ainda sabia muito pouco sobre o que é ser homem, sobre as dores e culpas da vida, sobre as dores e culpas do mundo. Relê-lo a esta altura se tornou um desafio quase insuportável, porém muito importante, pois talvez essa literatura, utilizando-se das palavras de um Cristo, possa, ao revelar mais sobre os comportamentos e as motivações do homem (para novamente lembrar Compagnon), proporcionar reflexões profundas sobre questões que, sendo genuinamente humanas, também queiram se fazer genuinamente literárias.

Se para mim, como leitor, pesquisador e, acima de tudo, homem — alguém que, como diria Miguel de Unamuno, é um “homem de carne e osso, [...] que nasce, sofre e morre” (UNAMUNO, 1977, p. 7, tradução minha) —, essa foi uma tarefa bastante difícil, o autor, o também homem José Saramago, afirma que tal livro não foi projetado, e — conhecendo bem as consequências advindas da publicação dessa obra — também é possível acreditar que ele não tivesse dimensão do real desconforto que tal livro provocaria sobretudo no seu tempo e na sua sociedade. A esse respeito, em *Da Estátua à Pedra*<sup>6</sup>, o próprio Saramago esclarece o seguinte:

O Evangelho Segundo Jesus Cristo [...] é o romance que gerou mais polémica e é a causa de ter mudado a minha residência de Lisboa para Lanzarote, em Espanha. É um livro que não projetei, porque jamais me havia passado pela cabeça escrever uma vida de Jesus, havendo tantas e sendo tão diferentes as interpretações que dessa vida se fizeram, destrutivas por vezes, ou, pelo contrário, obedecendo às imposições restritivas do dogma e da tradição. Enfim, sobre o filho de José e Maria disse-se de tudo, logo não seria necessário um livro mais, e ainda menos o que viria a escrever um ateu como eu (SARAMAGO, 2013, 40-41).

---

<sup>6</sup> Texto que foi originalmente apresentado por Saramago em maio de 1997 na Università degli Studi di Torino durante o colóquio Dialogo sulla cultura portoghese. Letteratura-musica-storia.

Que o autor não tem domínio sobre a sua obra e sobre as polêmicas que podem advir das suas múltiplas possibilidades de interpretação, isso não é novidade desde que, via Roland Barthes, esclareceu-se que, para a literatura, a figura do autor é importante apenas naquilo que ela implica, a sua própria morte:

Sem dúvida que foi sempre assim: desde o momento em que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, quer dizer, finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa (BARTHES, 2004, p. 58).

Se Saramago tivesse plena capacidade de projetar a sua obra em toda a sua extensão e completude — inclusive naquilo que ela, pelo caráter que possui, decididamente não se permite ver completada —, talvez tivesse surgido um tratado de Teologia, ou um ensaio sobre inquietações filosóficas, ou um estudo teórico sobre a psiquê humana. Em outras palavras, e isso é importante que fique claro desde o início, a obra de Saramago, a meu ver, aqui somente pode ser lida, estudada e analisada a partir daquilo que ela é: literatura. Aliás, há de se destacar que, para o presente estudo, os textos bíblicos igualmente interessam tão somente como textos literários. A esse respeito, Gustavo Bernardo Krause, no livro *A ficção de Deus*, esclarece o seguinte:

**Podemos pensar nos personagens bíblicos como míticos, históricos ou ficcionais, sem que nenhuma das alternativas diminua necessariamente as demais.** Podemos pensar no Deus bíblico como um personagem mítico, na linha dos deuses que o antecederam; como um personagem histórico, responsável pela criação do universo e da própria História; e como um exuberante personagem de ficção. [...]

[...]

Enquanto os muçulmanos não admitem que o Corão possa ser lido como literatura, **judeus e cristãos não negam que o seu livro sagrado possa ser apreciado sem blasfêmia de maneira secular, isto é, de maneira literária**<sup>7</sup>. [...] (KRAUSE, 2014, p. 217, grifo meu).

Gustavo Bernardo não é o primeiro a chamar a atenção para essa possibilidade de o texto bíblico ser lido como texto literário. Anderson de Oliveira Lima, Doutor em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo, em 2014 publicou na revista *Teoliterária* um artigo que analisa a importância de Erich

<sup>7</sup> Aqui cabe ressaltar que existe uma heterogeneidade muito grande dentro de cada grupo religioso. Além disso, o fundamentalismo é como um câncer: cresce e se espalha desordenadamente, ameaçando a vitalidade da democracia, e infelizmente está presente em boa parte das religiões, inclusive no judaísmo e no cristianismo. Nesse sentido, muitos judeus e muitos cristãos não reconhecem essa possibilidade de experienciar seus respectivos livros sagrados literariamente. Prova disso é a resposta que deram ao romance que é objeto deste estudo — bem como a outros livros do próprio Saramago.

Auerbach e Robert Alter para o desenvolvimento de uma abordagem literária da Bíblia. A respeito dessa abordagem, Anderson afirma o seguinte:

Geralmente suas capas apresentam em letras douradas o título “Bíblia Sagrada”; no seu interior paratextos diversos tratam de nos adequar às leituras ortodoxas, pelo que se torna difícil desde o primeiro momento manter com esse livro um relacionamento livre da interferência dogmática judaico-cristã. Daí supõe-se que a primeira característica da abordagem literária da Bíblia seja a desvinculação intencional com a herança cultural religiosa. Poderíamos dizer que ler a Bíblia como literatura é adotar um novo protocolo de leitura, em que são conscientemente retirados os antigos rótulos religiosos que sempre mantiveram a Bíblia numa seção à parte das demais obras (LIMA, 2014, p. 133-134).

Erich Auerbach aparece como pioneiro dessa abordagem. Em *Mimesis*, logo no primeiro capítulo, intitulado *A cicatriz de Ulisses*, o crítico alemão compara a *Odisseia*, de Homero, ao texto bíblico de Gênesis — “igualmente antigo, igualmente épico, surgido de um outro mundo de formas” (AUERBACH, 1976, p. 5), chamando a atenção, dentre outros aspectos, para a complexidade com que a Bíblia desenvolve as suas personagens:

Evidencia-se que até a personagem individual pode ser apresentada como carregada de segundos planos: Deus sempre o é na Bíblia, pois não é, como Zeus, apreensível na sua presença; só “algo” dele aparece em cada caso, ele sempre se estende para as profundidades. Mas **os próprios seres humanos dos relatos bíblicos são mais ricos em segundos planos do que os homéricos**; eles têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência. Ainda que estejam quase sempre envolvidos num acontecimento que os ocupa por completo, não se entregam a tal acontecimento a ponto de perderem a permanente consciência do que lhes acontecera em outro tempo e em outro lugar; **seus pensamentos e sentimentos têm mais camadas e são mais intrincados** [...] (AUERBACH, 1976, p. 9, grifo meu).

Outros nomes se destacam no estudo da Bíblia como texto literário. Robert Alter, que, de acordo com Anderson Lima, também denota ineditismo por apresentar “preocupações de caráter estritamente literário” (LIMA, 2014, p. 138), chama a atenção para as diferenças em relação à ideia de unidade literária da Bíblia<sup>8</sup> e deixa evidente que os textos bíblicos, que muitos leem como história sagrada, podem ser lidos como literatura, explicando que “a história tem relações muito mais estreitas com a ficção do que em geral se supõe” (ALTER, 2007, p. 45). De acordo com o autor de *A arte da narrativa bíblica*, tanto a ficção quanto a história são atividades

<sup>8</sup> Como Alter sinaliza, ler a Bíblia como literatura não é o mesmo que ler um exemplar da literatura moderna, “inteiramente concebida e executada por um único escritor independente, capaz de supervisionar sua obra original, do rascunho preliminar às provas de autor” (ALTER, 2007, p. 39). Como Anderson Lima sinaliza, “os autores e redatores bíblicos trabalhavam com noções de unidade bastante diferentes das nossas” (LIMA, 2014, p. 140).

literárias que “compartilham toda uma gama de estratégias narrativas [...] e o historiador se aproxima do autor de ficção por empregar — como de certa maneira ele é obrigado a fazer — uma série de construções imaginativas” (ALTER, 2007, p. 45). Nesse sentido, Alter analisa a Bíblia como uma prosa de “ficção historicizada” ou, ainda, como uma “história ficcionalizada”. A razão para essa relação tão íntima entre história e ficção nos textos bíblicos se dá pelo fato de, como o autor salienta, a ficção ter sido o recurso mais importante de que os escritores da Bíblia dispunham para compreender a história (cf. ALTER, 2007, 58).

Os escritores da Bíblia, de acordo com Alter, operam recriações imaginativas da história. Inclusive, Alter compara o autor do “grande ciclo das histórias de Davi” a Shakespeare ao afirmar que, assim como o dramaturgo inglês, o escritor bíblico em específico se serviu “dos materiais históricos para elaborar uma poderosa projeção das potencialidades humanas” ao criar “as figuras de Davi, Saul, Abner, Joab, Jônatas, Absalão, Mical, Abigail e vários outros personagens” (ALTER, 2007, 62-63).

Como Alter ressalta, apesar de a narrativa bíblica muitas vezes ter como base fatos históricos que podem ser ratificados pelas pesquisas atuais, a história é recriada de maneira imaginativa, de modo que, embora de fato haja registros históricos que comprovem a existência de um rei chamado Davi, por exemplo, na narrativa bíblica Davi é uma personagem ficcional. Sobre isso, o crítico estadunidense esclarece o seguinte:

[...] Na narrativa bíblica, o diálogo inventado expressa a maneira como o autor imagina seus personagens enquanto figuras psicológicas e morais diferenciadas, sua concepção dramática das emoções que regem as interações entre seres humanos. E esse processo imaginativo não é outra coisa, essencialmente, senão a criação de personagens ficcionais (ALTER, 2007, p. 64).

Considerando que tanto o romance de Saramago quanto os textos bíblicos que inevitavelmente aparecerão neste estudo podem — e no presente caso devem — ser analisados como literatura, decidi adotar expressões como “Jesus de Saramago”, “*Evangelho* de Saramago”, “evangelho saramaguiano”, “Deus de Saramago”, “Deus saramaguiano”, ou “Jesus bíblico”, “literatura bíblica”, “Deus bíblico”, “Deus judaico-cristão” etc. sempre que julgar necessário explicitar tais diferenças.

Se Saramago não teve domínio sobre a sua obra e sobre as polêmicas que advieram das suas múltiplas possibilidades de interpretação, algo já era

minimamente previsto: em uma sociedade tradicional e majoritariamente cristã, como é o caso da sociedade portuguesa, seria perfeitamente plausível supor que os fundamentalistas religiosos rapidamente se apressassem em apresentar críticas ressentidas e acusações quiçá pouco sinceras ou verdadeiras de que Saramago era um herege e que a sua obra era uma afronta direta a Deus, à Igreja e à Tradição Católica. Afinal, não seria a primeira e nem a última vez que o escritor português teria despertado a ira da comunidade cristã em geral e da católica em particular, com obras e comentários considerados muito mais do que inconvenientes.

Houve, sim, repercussão naturalmente negativa e duras críticas entre os mais religiosos, para quem Saramago era um “populista extremista”<sup>9</sup>, ou um “comunista recalcitrante, com visão substancialmente antirreligiosa do mundo”<sup>10</sup>. Entre os mais acalorados desses ataques, certamente está o do então Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, que chamou Saramago de “ateu confesso e comunista impenitente”, “blasfemo e espezinhador da verdade histórica e difamador dos maiores personagens do Novo Testamento” (NOGUEIRA *apud* FARIA, 2014).

Todavia, a censura mais terrível para Saramago estaria por vir. Ela não veio e, do ponto de vista lógico, nem poderia vir da Igreja, na qual o escritor sabidamente não cria, mas veio de uma instituição em que Saramago, como cidadão, amante e defensor público da democracia, acreditava: o estado, teoricamente laico — razão pela qual a censura não poderia ter sido mais cruel e dolorosa. Em 25 de abril de 1992, uma data emblemática, *O Evangelho* foi impedido pelo então Subsecretário de Estado de Cultura do governo português, António Sousa Lara, de concorrer ao Prêmio Literário Europeu Aristeion, argumentando que a obra de Saramago era “profundamente polêmica, pois atacava princípios que têm a ver com o patrimônio religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os portugueses, desune-os naquilo que é seu patrimônio espiritual” (cf. LOPES, 2010, p. 126, grifo meu).

Profundamente magoado, meses depois, Saramago então passou a cumprir um exílio voluntário com a esposa, transferindo a sua residência de Lisboa para Lanzarote, nas Ilhas Canárias, em fevereiro de 1993. Ao contrário do que se possa pensar, tal atitude não foi movida por medo de represália de fundamentalistas religiosos, mas por um sentimento de tristeza misturado com indignação. Como

---

<sup>9</sup> Palavras de Claudio Toscani, em obituário intitulado *A (presumível) onipotência do narrador*, originalmente publicado em 19 de junho de 2010 no Diário do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, por ocasião da morte do escritor português (cf. LUSA, 2010).

<sup>10</sup> cf. AGUILERA, 2010, p. 77.



Galvão explica, “[o] que levou Saramago a deixar Portugal não foi o medo de ser hostilizado pelo povo português, mas a mágoa por ter sido censurado pelo governo em nome de questões religiosas” (GALVÃO, 2013, p. 148, grifo meu).

Em maio de 1992, o escritor falou sobre o assunto em entrevista concedida para o jornalista Torcato Sepúlveda, do jornal português *Público*:

Não esperava que, depois do 25 de Abril<sup>11</sup>, se repetissem comportamentos desses, nessa altura institucionalizados. Embora a exclusão do meu romance *Evangelho segundo Jesus Cristo* [do Prêmio Europeu de Literatura] tenha também um caráter institucional, porque não foi uma medida extemporânea. É uma decisão tomada por uma instância do governo e foi no exercício de uma autoridade governamental que a decisão foi tomada. Quanto ao meu estado de espírito: estou triste e indignado. Sinto-me também estupefato: nos primeiros dias após a decisão governamental, perguntava-me se isto estava de fato a acontecer. Mas governo, secretário de Estado da Cultura e subsecretário de Estado da Cultura tiveram a resposta que mereciam: repúdio. O que não diminui a indignação, contaminada por um sentimento de tristeza profunda. Mais: tendo acontecido, como é possível que primeiro-ministro, secretário de Estado e partido do governo procurem ladear isto, tentando encontrar uma solução para o que não tem solução. O fato é brutal e não pode ser diminuído, sejam quais forem os artifícios de retórica ou de baixa dialética política, ou de cabotinismo (cf. SEPÚLVEDA, 1992).

O lamento do escritor não era tanto pelo prêmio — que muito provavelmente ele também<sup>12</sup> teria ganhado — mas pelo que, àquela altura, ante as portas do novo século que se aproximava, o veto do governo português representava. A despeito de toda a luta para a separação gradual e definitiva entre Estado e Igreja, Saramago viu, no veto à sua obra, serem retomadas contradições políticas e religiosas antigas da sua sociedade, as quais nem mesmo as mais diversas revoluções — a Revolução Liberal do Porto (1820), a Guerra Civil Portuguesa (1832-1834), a Regeneração (iniciada em 1851) e, a mais recente delas, a Revolução dos Cravos (1974) — tinham sido fortes o suficiente para enterrar: o cadáver antiliberal, fundamentalista, antidemocrático e antilaicista permanecia insepulto.

Afinal, quais seriam as reais razões para o veto? Os críticos fizeram uma interpretação coerente do livro que foi vetado? Ora, o título por si só já chama muito a atenção pelo que ele representa — ou pode representar. Até que se prove o contrário, o Jesus histórico não deixou nenhum texto escrito, como já disse. Então,

<sup>11</sup> Saramago se refere à famosa Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974, que culminou com a queda do Estado Novo, regime ditatorial de António de Oliveira Salazar, a instauração de um regime democrático e a promulgação de uma nova Constituição, publicada em 25 de abril de 1976. Por essas razões, a data de 25 de Abril é comemorada entre os portugueses como o Dia da Liberdade.

<sup>12</sup> Estou falando de um livro que ganhou, entre tantas outras premiações, um Prêmio Nobel de Literatura e um Prêmio Camões.

que Jesus Cristo seria esse? Em que medida esse Jesus é o resultado de uma experiência pessoal do próprio Saramago? Em que medida esse Jesus é uma personagem que o próprio narrador assume ser? Até que ponto ele é uma releitura ou um ponto de encontro entre o Jesus do cânone cristão e o Jesus histórico? Ele estaria mais próximo do Jesus histórico do que do homem que se fez Deus para os cristãos? Considerando o que a Igreja afirma sobre a natureza de Cristo, seria o Jesus de Saramago igualmente Deus e igualmente homem? Quem é esse Deus? Em qualquer dos casos, o que ele teria a dizer? Que papel ele assume? O de salvador? Que reflexões essa arte literária poderia oferecer em relação à natureza do próprio ser humano? E, em última instância, qual seria a boa nova<sup>13</sup>?

Para pensar a respeito dessas e de outras questões, este estudo será dividido em três capítulos: no primeiro, refletirei sobre a relação intertextual que o romance saramaguiano estabelece com o cânone religioso, enxergando-o como espaço de releitura e reescrita do discurso operado pela tradição judaico-cristã, da qual claramente Saramago foi leitor; no segundo, dissertarei sobre algumas das principais personagens, analisadas a partir das relações que estabelecem com a personagem principal; e, no terceiro e último capítulo, farei uma análise da ideia de culpa, que desconfio ser o tema central desse romance, refletindo sobre o papel do homem, de Deus, do Diabo ou da religião nesse contexto, para que no fim se possa pensar sobre qual seria a boa nova apresentada pelo evangelista saramaguiano.

---

<sup>13</sup> A palavra “evangelho” provém do vocábulo grego *ευαγγέλιον*, que pode ser traduzido como “boa notícia”, “boa nova” (cf. FERREIRA, 2019).

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ABREU, Vítor de Oliveira. O estudo literário do Novo Testamento: gêneros literários nos contextos do cristianismo primitivo. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, **Revista Jesus Histórico**, v. 8, p. 63-74, jun. 2012.

AGOSTINHO, S. **Confissões; De magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

AGUILERA, Fernando Gómez. **As palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ALMEIDA, António Manuel Tavares de. **Um Novíssimo Testamento para o Século XXI: A Reescrita dos Evangelhos em Gore Vidal e José Saramago**. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Norte-Americanos) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/14559/1/antonio%20almeida.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023.

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AMARAL, André Luiz do. **Que diabo de deus é esse?** Divinas ficções de José Saramago. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106718/294933.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 abr. 2023.

AQUINO, Felipe. A Igreja Católica foi fundada por Constantino? **Cléofas**, 2023. Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-igreja-catolica-foi-fundada-por-constantino/>. Acesso em: 30 set. 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. (Coleção Textos Clássicos)

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: AUERBACH, Erich. **Mimesis**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. 2. ed. Augmentée de trente-cinq poèmes nouveaux et ornée d'un portrait de l'auteur dessiné et gravé par Bracquemond. Paris: Poulet-Malassis et Broise, 1861.

BAUDELAIRE, Charles. Le Salon de 1846. *In*: BAUDELAIRE, Charles. **Curiosités esthétiques**. Paris: Michel Lévy Frères, 1868a. p. 77–198. Originellement publié en 1846.

BBC iWonder. **O mundo seria mais pacífico se não houvesse religião?** BBC, 16 julho 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36762686>. Acesso em: 15 mai. 2019

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. 1. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 3 v. V. 1: Magia e técnica, arte e política — ensaios sobre literatura e história da cultura.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, v. 3. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BLOOM, Harold. **Cânone ocidental**. Tradução de Manuel Frias Martins. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

BOBONE, Carlos Maria. José Saramago: a escrita de um Nobel é feita só de virtudes?. **Observador**, 08 out. 2018. Disponível em: <https://observador.pt/2018/10/08/jose-saramago-a-escrita-de-um-nobel-e-feita-so-de-virtudes/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. **Tópicos da teoria para investigação do discurso literário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

BRASIL. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. **Nobel da Literatura revela ingenuidade confrangedora**. [19--]. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/vol\\_nobel\\_literatura\\_revela\\_ignorancia\\_confrangedora.html](https://www.snpcultura.org/vol_nobel_literatura_revela_ignorancia_confrangedora.html). Acesso em: 09 jun. 2022.

CARIOTI, Antonio. Pio XII sapeva della Shoah: la prova in una lettera scritta nel 1942 da un gesuita tedesco. **Corriere della Sera**, de 18 set. 2023. Disponível em: [https://www.corriere.it/cultura/23\\_settembre\\_16/pio-xii-sapeva-shoah-prova-una-lettera-scritta-1942-un-gesuita-tedesco-380489dc-53fb-11ee-8884-717525326594.shtml](https://www.corriere.it/cultura/23_settembre_16/pio-xii-sapeva-shoah-prova-una-lettera-scritta-1942-un-gesuita-tedesco-380489dc-53fb-11ee-8884-717525326594.shtml). Acesso em: 19 set. 2023.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Arte: o humano e o destino**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011. 352 p.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DÜRER, Albrecht. **Crucifixion**, 1495-1498. xilogravura, altura 570mm x largura 389mm. Museu Britânico, Londres.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 14. reimpr. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ECO, Umberto (org.). **História da feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

ECO, Umberto. Intentio Lectoris: apontamentos sobre a semiótica da recepção. In: ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 1-20.

EPICURO. **Da natureza**: antologia de textos. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FARIA, Natália. Morreu o bispo que recusou limitar-se a “tomar café com os ‘grandes’”. **Público**, 20 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/05/20/sociedade/noticia/morreu-o-bispo-que-recusou-limitar-se-a-tomar-cafe-com-os-grandes-1636769>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FARIAS, Juan. Jesus veio nos libertar das religiões?. **El País**, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniaao/2019-12-17/jesus-veio-nos-libertar-das-religioes.html>. Acesso: 25 dez. 2019.

FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012.

FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange. **Greek-Portuguese digital dictionary**: annotation and edition: a continuous open access project. Araraquara: Unesp, 2019. Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/gword/16387>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FRANCISCO, papa. Catequese sobre a Carta aos Gálatas - 3. **O Evangelho é um só**. Audiência Geral. Sala Paulo VI. 4 ago. 2021. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20210804\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210804_udienza-generale.html) . Acesso em: 25 set. 2023.

FRYE, Northrop. **O Código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. Trad.: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GALASTRI, Luciana. 'Jesus não era um pacifista que pregava a palavra de Deus, mas um líder revolucionário que desafiou o Estado'. **Revista Galileu**, 06 fev. 2014. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2014/02/o-jesus-como-figura-humana-e-mais-acessivel-do-que-sua-versao-divina.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

GALVÃO, Aline Scavazini de Matos. Entre a emigração e o exílio: um estudo da temática do afastamento da terra natal em 'A Caverna', de José Saramago. **Estação Literária**, Londrina, v. 10B, p. 142-153, jan. 2013.

GOLIN, Luana Martins. A Bíblia como Literatura. **Revista Caminhando**, v. 26, p. 1-17, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/1035928/7713>. Acesso em: 21 set. 2023.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português** – Texto majoritário com aparato crítico. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

GOYA, Francisco de. **Saturno devorando a su hijo**, 1818-1823. pintura, óleo sobre reboco trasladado a tela, 146 cm x 83 cm. Museu do Prado, Madri.

HOLGUÍN, Henry Vargas Holguín. Qual era a relação entre Maria e José? **Aleteia**, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/03/18/qual-era-a-relacao-entre-maria-e-jose/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros#:~:text=No%20continente%20americano%2C%20o%20Brasil,%C3%A9%20exatamente%20para%20ser%20comemorada>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano** (doença até a morte). Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. **A ficção de Deus**. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2014.

LIMA, Anderson de Oliveira. Dois momentos na história recente da leitura bíblica: A Bíblia como literatura a partir de Erich Auerbach e Robert Alter. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, **TeoLiterária**, v. 4, n. 7, p. 131-150, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22832/16519>. Acesso em: 10 set. 2023.

LOBATO, Cidiane. O sentido de Alétheia: Parmênides e Heidegger. **Revista Eletrônica de Filosofia da UESB**, ano 3, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2175/1843>. Acesso em: 08 out. 2023.

LOPES, João Marques. **Saramago**: Biografia. São Paulo: Leya, 2010.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio – uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUSA. 'L'Osservatore Romano' apelida Saramago de 'populista e extremista'. **Diário de Notícias**, 19 jun. 2010. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/losservatore-romano-apelida-saramago-de-populista-e-extremista-1597909.html>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MACHADO, José Barbosa. Conflitos de interpretação face ao romance de José Saramago "O Evangelho Segundo Jesus Cristo". *In*: MACHADO, José Barbosa. **Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas**. 2. ed. rev. Braga: Edições Vercial. p.174-208.

MACHADO, Leandro. A origem do mito bíblico que foi utilizado para 'justificar' racismo. **BBC News Brasil**, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>. Acesso em: 22 out. 2022.

MCGOWAN, Michel W. **The bridge: revelation and Its Implications**. Eugene: Pickwick, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OLIVEIRA, T. M. de; BAZZANELLA, S. L. MIMESE, VEROSSIMILHANÇA E CATARSE: contribuições de Aristóteles aos estudos literários. **Revista Húmus**, [S. l.], v. 10, n. 29, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14813>. Acesso em: 30 ago. 2023.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. Para que serve a literatura? **Revista Espaço Acadêmico**, Brasília, ano 2, n. 15, ago. 2002. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/40643/21385>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RABENHORST, Eduardo R. Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida. **Prim@ Facie**, ano 1, n. 1, ju./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/4205/3172>. Acesso em: 27 set. 2023.

RAMOS, Lediane Pereira Ramos. Justificativas da Igreja Católica para o escravagismo: no Brasil Colônia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 9, set. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2257/902>. Acesso em: 12 out. 2021.

REIMER, Haroldo. Sobre a *intentio operis* de Umberto Eco. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 23, set./dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/77/122>. Acesso em: 02 out. 2023.

REYES MATE. **Meia noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin "Sobre o conceito de história"**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2011.



RIBEIRO, Tatiana Oliveira. O deus de dentro: a poesia inspirada na Grécia Antiga. **Calíope**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 110-123, 2006.

ROEDEL, Hiran. Do mito de Cam ao racismo estrutural: uma pequena contribuição ao debate. **AFRO-PORT**, 2017. Disponível em: <https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/afroport/wp-content/uploads/2020/07/ROEDEL-H-Do-Mito-de-Cam-ao-Racismo.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ROCHA, L. Verdade e infortúnio na tragédia de Aristóteles: uma defesa da poesia. **Revista Limiar**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 69–84, 2019. DOI: 10.34024/limiar.2019.v6.9758. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/9758>. Acesso em: 03 set. 2023

SARAIVA, Francisco dos Santos. **Novissimo diccionario latino-portuguez**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1927.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. 1. ed. Belém: Ed. UFPA, 2013.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. 2. ed., 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Ed. Abril, 1977

SÉ APOSTÓLICA. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Constituição Dogmática Dei Verbum - sobre a revelação divina. Roma, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html). Acesso em: 16 maio 2020.

SEPÚLVEDA, Torcato. “É a terceira vez que sou censurado por Sousa Lara”. Entrevista. **Público**, 10 maio 1992. Disponível em: <http://static.publico.pt/docs/cm/f/atores/joseSaramago/terceiraVezCensurado.htm>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVA, Dayvid da. O pecado original: raízes histórico-teológicas de uma controvérsia. **Revista de Cultura Teológica**, ano 17, n. 66, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15492/11571>. Acesso em: 15 set. 2023.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

**THE HISTORY of Joseph the Carpenter**. An Egyptian Christian apocriphal book. Editado por Boris Yousef. Prato (Itália): Edizioni Aurora Boreale, 2022.

UNAMUNO, Miguel de. **Del sentimiento trágico de la vida**. 6. ed. Buenos Aires: Losada, 1977.

VATICANO. **Catecismo da Igreja Católica**. Primeira parte - A profissão da fé.1566. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/index-prima-parte\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/index-prima-parte_po.html). Acesso em: 15 abr. 2022.

VEIGA, Edison. **Como viviam as pessoas escravizadas pela Igreja no Brasil**. BBC News Brasil, 14 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57099524>. Acesso em: 18 mai. 2021.

VEIGA, Edison. **O que os historiadores dizem sobre a real aparência de Jesus**. BBC News Brasil, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>. Acesso em: 18 set. 2021.

VEJA. **Igreja critica novo livro de Saramago**. Veja, 19 out. 2009. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/igreja-critica-novo-livro-de-saramago/>. Acesso em: 14 set. 2020.

VILELA, Joana Stichini. A história do veto ao Evangelho de José Saramago. **Observador**, 25 abr. 2017. Disponível em: [https://observador.pt/especiais/o-veto-ao-evangelho-de-saramago-25-anos-depois/?cache\\_bust=1680879321356#](https://observador.pt/especiais/o-veto-ao-evangelho-de-saramago-25-anos-depois/?cache_bust=1680879321356#). Acesso em: 19 fev. 2023.

## ANEXO – Crucifixion



Fonte: DÜRER, Albrecht. **Crucifixion**, 1495-1498. xilograv., 570mm x 389mm. Museu Britânico, Londres.